

entrevista

CARY ADAMS,

diretor executivo da União Internacional de Controle do Câncer (UICC) e presidente da NCD Alliance

Um executivo contra o câncer



A inclusão do controle do câncer entre as prioridades para o desenvolvimento dos países fez com que diversas organizações repensassem suas estruturas e formas de atuação para se adequarem à nova realidade. Esse foi o caso da União Internacional para o Controle do Câncer (UICC), que contratou um novo diretor executivo em 2009 para, juntamente com seu Conselho Diretor, inserir a organização nesse novo cenário. Cary Adams, que nunca havia trabalhado na área da saúde antes, tem, desde então, centrado seu trabalho em *advocacy* global para garantir que o câncer esteja presente entre as prioridades da agenda mundial de saúde. Ele também trabalha para unir uma comunidade de pessoas em distintas áreas, mas que têm em comum o objetivo de controlar o câncer. A rede de organizações membros da UICC reúne as principais instituições de controle da doença do mundo, ministérios da Saúde, grupos de pacientes, atores políticos influentes, pesquisadores e especialistas nessas mais diferentes áreas.

Nascido em Londres, Cary Adams se formou em Economia, Informática e Estatística pela Universidade de Bath, no Reino Unido, e depois concluiu mestrado em Administração de Empresas. Ex-aluno da Escola de Negócios de Harvard, onde cursou o programa de Gerência Executiva 2003, depois de muitos anos dedicados à gestão de negócios internacionais no setor bancário, Cary fez uma mudança de carreira para se tornar diretor da UICC, com sede em Genebra, na Suíça. Tal mudança ocorreu exatamente no momento em que as Nações Unidas começavam a discutir mais prioritariamente os efeitos das doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), incluindo o câncer, no desenvolvimento dos países. Hoje, Cary também é presidente do NCD Alliance, uma coalizão de cerca de duas mil ONGs que trabalham com DCNTs.

REDE CÂNCER – Sair do setor bancário para o campo de controle do câncer deve ter sido bastante desafiador. Quais foram as maiores dificuldades?

Preciso confessar que nos primeiros anos eu penei para conseguir entender o que as pessoas estavam dizendo. Compreender a linguagem utilizada no campo do controle de câncer, além da dos organismos internacionais, como as Nações Unidas e a Organização Mundial da Saúde, foi um desafio pessoal. Cheguei a pensar que seria impossível. Tive que levar muito dever para casa, mas no final tudo deu certo.

RC – Você mencionou mudanças pelas quais a UICC passou desde 2009. Poderia falar um pouco mais sobre isso?

A UICC passava por mudanças que se refletiram principalmente na que partiu de uma organização preocupada com pequenos projetos para assumir a posição de uma organização internacional verdadeiramente global. Isso nos levou até mesmo a mudar nossa missão, que hoje é unir as pessoas interessadas no controle de câncer com o objetivo de reduzir a carga global da doença, promover maior equidade e integrar o controle do câncer na agenda de saúde e do desenvolvimento mundial.

RC – Nessa lógica, qual é hoje o principal papel da UICC no cenário global do controle de câncer?

Um dos principais focos atuais da UICC é o de *advocacy* global no intuito de incluir o câncer como prioridade na agenda mundial da saúde. Há uns cinco anos, quando as Nações Unidas e a OMS começaram a olhar mais atentamente para as doenças crônicas não-transmissíveis, as perspectivas do cenário global de controle de câncer se expandiram muito, e é preciso um trabalho intenso para se certificar de que todas as ações necessárias para tal controle sejam contempladas nas discussões desenvolvidas.

RC – A UICC, na verdade, conta com mais de 800 organizações-membros em 155 países. Como é articular toda essa rede?

Outro de nossos objetivos prioritários é realmente unir a comunidade global de pessoas interessadas no controle de câncer. Desenvolvemos diversas atividades, como o Congresso Mundial do Câncer e o Dia Mundial do Câncer, no intuito de fazer com que todos trabalhem juntos. Acreditamos que somente com nossos membros e principais

parceiros, como a OMS e o Fórum Econômico Mundial, por exemplo, será possível enfrentar a crise do crescimento do câncer em escala global.

RC – Em dezembro do ano passado foi realizada a 23ª edição do Congresso Mundial do Câncer. O que torna esse evento tão importante?

O campo de controle do câncer é bastante amplo. Há diversos congressos muito importantes para cada uma das diferentes áreas que compõem esse campo. Nosso objetivo com o Congresso Mundial do Câncer é colocar pessoas das diferentes áreas, mas que dividem o mesmo objetivo final, juntas para que elas possam se conhecer, aprender com as demais e construir parcerias. Os presidentes das organizações responsáveis pelo controle do câncer, por exemplo, precisam compreender e estar informados sobre as novidades de todas as áreas que compõem esse campo. Acredito que o último congresso em Melbourne, na Austrália, foi uma excelente oportunidade para isso.

RC – Falando sobre o Dia Mundial do Câncer, celebrado em 4 de fevereiro, como foram as comemorações pelo mundo?

Eu considero que foram extraordinárias. O sistema que nós temos para monitorar as citações sobre o Dia Mundial do Câncer nos mostra que ano a ano mais e mais organizações estão realizando comemorações para a data. Em 2015, o *slogan* “Ao nosso alcance” serviu para alertar milhares de pessoas no mundo inteiro de que há soluções ao alcance de todos para prevenir a doença, detectá-la precocemente, tratá-la e maximizar a qualidade de vida das pessoas afetadas pelo câncer.

“Somente com nossos membros e principais parceiros, como a OMS e o Fórum Econômico Mundial, por exemplo, será possível enfrentar a crise do crescimento do câncer em escala global”

RC – Durante o Dia Mundial do Câncer, a UICC divulgou informações que apontaram o subfinanciamento global do controle de câncer. Quais são os impactos dessa situação?

As informações mostram que um aumento anual do financiamento da comunidade internacional da ordem de US\$ 18 bilhões poderia salvar três milhões de vidas por ano no mundo, até 2030, e muitas mais em décadas sucessivas, por meio da prevenção, detecção precoce e melhoria dos cuidados para pacientes com câncer. O aumento do financiamento também proporcionaria alívio da dor para milhões de pessoas que vão morrer de câncer durante esse período. O acesso à morfina ainda é muito desigual mundialmente, e é preciso aprimorar os mecanismos para acesso a terapias de controle da dor.

RC – De onde poderiam vir os recursos para esse aumento?

A triplicação de impostos sobre o tabaco aumentaria as receitas fiscais disponíveis aos governos para US\$ 400 bilhões por ano e ainda poderia incentivar um terço dos fumantes a parar de fumar. Países de baixa renda, onde os serviços de saúde são menos desenvolvidos, nos quais unidades de tratamento do câncer são praticamente inexistentes e há escassez de especialistas treinados, teriam o apoio da comunidade internacional para desenvolver sua capacidade, um processo que é suscetível de demorar uma década ou mais.

RC – E como você acredita que poderia vir esse apoio da comunidade internacional?

Acredito que em 2015, quando os Objetivos do Milênio deveriam ser alcançados e devem ser revistos, o controle do câncer, juntamente com as demais doenças crônicas não-transmissíveis, passará a ter lugar de destaque. Com isso, acredito que haverá aumento da oferta de recursos em assistência internacional que poderão ser usados pelos países de baixa renda para construir mecanismos de controle de câncer. Houve avanços muito significativos em áreas como o controle da Aids e da mortalidade infantil, ambos incluídos entre os objetivos determinados no ano 2000, e eu acredito que o controle do câncer poderá seguir um caminho bastante semelhante.

RC – Quais serão os desafios para a UICC neste cenário?

A UICC precisará desenvolver ainda mais as suas capacidades de construção de parcerias. Precisaremos trabalhar de maneira muito próxima a diversas agências das Nações Unidas, não somente a OMS. Também precisaremos nos articular

“O Brasil é referência em uma área crucial do controle do câncer, que é o controle do tabagismo. A obesidade tem aumentado na população, mas o governo tem trabalhado e desenvolvido estratégias bastante interessantes. A oferta pública da vacina contra o HPV para meninas também é um grande avanço. Acredito que o Brasil tem um plano de controle de câncer bastante sensível”

com toda a nossa rede para garantir que todos os países estejam atentos para o problema do câncer. As soluções para o controle do câncer só funcionam realmente de maneira local. Apesar de todos os mecanismos globais, é localmente que as ações são postas em prática e cada país precisa adequar as recomendações à sua realidade.

RC – E o Brasil? Você acredita que está no caminho certo?

Acompanho bem a situação no Brasil, já que o diretor-geral do Instituto Nacional de Câncer, Luiz Antonio Santini, foi membro do Conselho Diretor da UICC nos últimos anos e, hoje, contamos com a presença de Maira Caleffi, presidente da Femama [Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama], nesse grupo. O Brasil é referência em uma área crucial do controle do câncer, que é o controle do tabagismo. A obesidade tem aumentado na população, mas o governo tem trabalhado e desenvolvido estratégias bastante interessantes. A oferta pública da vacina contra o HPV para meninas também é um grande avanço. Acredito que o Brasil tem um plano de controle de câncer bastante sensível. ■